

A origem das tradições festivas religiosas em Prudentópolis – Paraná¹

Sandra Mara Tenchena

Resumo

Os ucranianos, importante grupo de imigrantes que rumou para o Paraná como trabalhadores livres no início do século XX, construíram atividades importantes para a vida cultural da região e para a economia local. As tradições e as festas religiosas ali presente Natal, Ano Novo e a Páscoa são elementos culturais importantes para a cidade de Prudentópolis. Para isso, recorri ao exercício da pesquisa sistemática pela participação observante de ritos e costumes tão familiares, com o intuito de recuperar os costumes tradicionais, com vistas a produzir, inicialmente, uma etnografia que evidenciasse, com refinamento de detalhes, os modos de viver das mulheres e do povo ucraniano.

Palavras-chave: Festas, Tradição

Abstract

The Ukrainians, an important immigrant group that moved to Paraná as free workers in the beginning of 20th century, created activities important to the region's culture life and local economy. Religious traditions and festivals that take place during Christmas, New Year and Easter celebrations are important cultural elements to Prudentópolis city. Based on that, I resorted to a systematic research through participant observation of rites and customs that were so familiar to me. The aim was to recover traditional customs and initially produce an ethnography capable of showing, in refined details, the ways of living between the women and the Ukrainian people.

Keywords: Festivals, Tradition

Da mesma forma que o trabalho para os prudentopolitanos é algo próprio à sua cultura, o Natal, o Ano Novo e a Páscoa também se tornam um elemento cultural importante. Os rituais festivos sempre marcaram a vida dos sujeitos investigados ao longo de sua história e continuam marcando, bem como selando os momentos mais significativos tanto no âmbito do mundo do trabalho quanto dos calendários socioreligiosos.

¹ Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado que desenvolvi, no período de 2006 a 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. As informações apresentadas foram coletadas em levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, entrevistas com informantes e pesquisas em arquivos históricos da cidade de Prudentópolis - Pr no mesmo período.

Embora a imposição do mercado e das suas leis esteja, com elevado grau de influência², ditando as regras entre os prudentopolitanos contemporâneos, este povo sabe e tem consciência de que, para além das adversidades, eles existem e precisam manter suas tradições, como, por exemplo, suas celebrações religiosas.

As cerimônias religiosas através do clero identificam os ucranianos como povo na medida em que, conforme descrito por Benjamim (1994) quando trabalha suas reflexões sobre o narrador, as histórias étnicas são associadas aos ritos religiosos, tanto pelas palavras quanto pelos gestos ligados ao sagrado, realimentando o memorizar de suas lutas e conquistas, mantendo vivas suas tradições, repassando conhecimentos, mitos, enfim, através de suas constantes festas e de seus contínuos rituais, eles recriam e, ao mesmo tempo, conservam a existência do ucraniano como pertencente a uma comunidade étnica.

A experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer está existência seja própria ou relatada. E, por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a estória. (...) Este sempre tem um propósito definido. Pode tratar da transmissão de uma moral, de um ensinamento prático, da ilustração de algum provérbio ou de uma regra fundamental da existência. Mas de qualquer, forma o narrador é uma espécie de conselheiro do seu ouvinte. (Benjamim, 1994, p. 67)

Como já apontado, dentre as diversas e importantes tradições que selam os momentos essenciais na sociedade de Prudentópolis, merecem destaque a festa de Natal, o Ano Novo e a Páscoa, por sua significação cultural decisiva em toda a vida dos ucranianos.

No início da imigração, autores mostram que, atendendo ao calendário litúrgico, o povo ucraniano se preparava com grande antecedência para a celebração do Natal.

Como antigamente, os descendentes mantiveram o calendário litúrgico com as festividades natalinas no dia 14 de novembro de todo ano, começando o período santo da abstinência e de privação de divertimentos sociais como: bailes e casamentos

² Sobre as questões de transformações que o mercado exerce nas cidades tradicionais, veja Simmel (1967).

(Haneiko, 1975), com o intuito de prepararem-se para os ritos natalinos que acontecem nas igrejas e residências.

O momento importante desse processo de preparação para o Natal está localizado nas igrejas e residências, quando se iniciam as novenas e as belíssimas cantigas chamadas “*kôlhadas*”³, melodias típicas que sensibilizam e fazem reviver todas as circunstâncias do nascimento de Jesus.

Vieram os Santos
Vieram os santos a quebrar pedras,
Seja louvada a trindade nos céus:
A quebrar pedras, a erguer a igreja,
Seja louvada a trindade nos céus:
Com três janelas, com três entradas, com três zimbórios,
Seja louvada a trindade nos céus (trecho de uma *Kôlhada*)

Paralelamente, no período das novenas de fim de ano, essas cantigas são lembradas pelos mais velhos e ensinadas para as crianças e jovens que passaram a reproduzir tais saberes nas igrejas e nas próprias casas.

No momento da novena, nota-se que, além do conteúdo específico das rezas que obedecem ao padrão tradicional do tempo dos imigrantes, transmite-se aos jovens e às crianças o modo de comportarem-se nessas ocasiões. Os corpos são disciplinados, os gestos são aprendidos e as expressões faciais são modeladas de acordo com a tradição, neste momento, quando criança ou jovem tenta confundir o padrão cultural dos comportamentos por meio de brincadeiras, gestos ou comentários considerados fora de hora, os adultos os reenquadram ao padrão considerado tradicional para estas ocasiões, ou seja, só se cantam músicas religiosas segundo as regras da tradição.

Este é um momento disciplinador tanto dos adultos que de alguma forma se desviaram da tradição quanto dos jovens que querem mudar os padrões tradicionais.

O papel de disciplinador dos comportamentos cabe à mulher, apontada como guardiã da tradição, tanto jovens como idosas relembram, organizam e disciplinam todos.

³ Segundo Navroski (1997), nas canções de Natal, o povo ucraniano demonstra a sua grande fé cantando histórias de seu Deus e de sua tradição. Os costumes natalinos desse povo são muito antigos, denominado o Dia do Deus Sol. Quando a Ucrânia converteu-se ao cristianismo, no século X, muitas das tradições pagãs que existiam na época, foram adotadas pela igreja, que até hoje existem, mas sem o seu antigo caráter, convertidas em louvor ao nascimento de Cristo.

Tal situação foi presenciada por mim durante a pesquisa, quando uma de minhas interlocutoras perguntou ao esposo se este já estava pronto para ir à missa e este respondeu que não havia decidido se ia acompanhá-la. A senhora lhe respondeu: “não tem o que pensar, é hora de ir à missa e não de assistir TV”, o senhor então foi ao quarto preparar-se e, em seguida, os dois seguiram em direção à igreja.

Em Prudentópolis, dentre os grupos que respeitam a tradição, nota-se uma relação assimétrica de gênero em que os espaços reservados ao homem e à mulher são bem definidos e hierarquizados, bem como as relações familiares são marcadas pelo estilo da família Patriarcal.

Em estudos sobre a questão de gênero, em geral, a preocupação maior é discutir a questão da diferença na construção da vida social. Beauvoir (1953) já afirmava que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, a identidade é uma construção social e não algo natural.

(...) Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (Scott, 1976, p. 86)

Para a autora, mesmo não sendo a única articulação de poder, o gênero é a primeira instância do qual, ou por meio do qual, o poder se articula.

Com base em Bourdieu, Scott (1976, p. 88) afirma que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização de toda vida social, influenciando nas concepções, nas estruturas, na legitimação e na distribuição de poder. E isso é perceptível entre os imigrantes ucranianos, pois a divisão do trabalho, como apontado na introdução, é bem rigorosa e observada à risca na época da imigração.

Sobre isso Bernardo fala:

Não há dúvida de que somos herdeiros do pensamento desenvolvido na Grécia antiga, além de termos sido moldados pelo cristianismo. Essa herança marcou com ferro em brasa a memória feminina do Ocidente. A memória coletiva se apóia no grupo que vive situações em comum. A mulher, no mundo

ocidental, vive uma situação de submissão, portanto, suas lembranças correspondem ao lugar que ela ocupa nessa realidade. (...) As mulheres no mundo ocidental recebem desde a infância os princípios que devem orientar seu comportamento. É claro que essas normas, muitas vezes, são ressignificadas, mesmo porque um dos pressupostos de qualquer cultura é a sua dinâmica. No entanto, mesmo na contemporaneidade, o espaço privado parece ser ainda reservado especialmente ao feminino. Assim, grande parte das mulheres continua a representar a permanência, a intimidade, a continuidade. (Bernardo, 2003, p. 30)

No passado, tanto na cidade quanto no campo, entre os homens e mulheres ucranianos, a divisão das tarefas era realizada com um sentido de complementaridade. Algumas tarefas eram praticadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres. À medida que se aproximava o Natal, donas de casa ligadas aos grupos tradicionais ficavam atarefadas com os preparativos para a festa, tanto no que diz respeito às roupas e vestidos novos para comprar, quanto à aquisição e ao preparo dos alimentos com antecedência. Cada chefe de família preparava a palha de trigo e o feno para os dias santos. Esses preparativos organizados com grande antecedência empolgavam a criançada, assim, relembra a Sra. Micalina:

O natal era muito bonito, a senhora sabe que o antigo era muito alegre. Alguns dias antes do Natal precisávamos fazer todo o serviço, ajudávamos a mãe a fazer a limpeza da casa, então ficávamos até tarde da noite pra deixar tudo em ordem e enfeitar a casa, pois tinha que ficar bonito para o Natal. O pai colocava feno e trigo no meio da casa e nos cantos folhas e flores do quintal. A mãe fazia os doze pratos, porque naquele tempo era a tradição. Em seguida com a família reunida papai começava as orações antes do jantar e após começavam a cantar. Era muito bonito nos orgulhamos de continuar com as tradições ensinadas por nossos pais. Hoje nos reunimos com os filhos, sobrinhos e netos para continuar a tradição.

Na véspera de Natal, a dona da casa labuta no preparo de 12 iguarias⁴ diferentes que devem ser servidas na ceia tradicional. Entre elas se destacam: “*Kutiá*”⁵, além disso serve-se o “*bortch*”⁶, o “*varêneke*”⁷ e pastéis recheados com doce de frutas, peixe fresco e outras, entretanto, segundo Maria Rosa, nos dias atuais somente os grupos mais tradicionais o fazem.

Na ceia de natal sempre tem os doze alimentos conforme a tradição e espera-se sair à primeira estrela e assim jantar com toda sua simbologia. Depois do jantar todos em casa começam a cantar as canções de Natal. Esse costume existe até hoje, mas já deixando a desejar, pois, não são todas as famílias que fazem os doze pratos. E em algumas localidades os descendentes vão até as casas cantar. Nossa! Se precisar passar o dia todo cantando eles passam. Cantar é desejar em ucraniano felicidade, infelizmente não são todas as famílias ucranianas que faz isso, muito dessa tradição já se perdeu.

Atualmente, como aponta Maria Rosa em seu depoimento, as tradições já foram recriadas, o mundo mudou e com isso as tradições também. Não são todos os descendentes que fazem ou recriam as tradições até pela falta de tempo que o mundo moderno impõe, muitas donas de casa saíram para trabalhar e ajudar no sustento da casa, ou seja, pratos típicos entre outros já não são feitos em casa, são consumidos nas festas que a igreja e a comunidade organizam.

⁴ Segundo Hruchewski (1959), os 12 pratos (iguarias) preparados pelos ucranianos para festejar o nascimento do menino Jesus, era uma festa agrária que tinha suas raízes, costumes e crenças populares muito antigas, “*A Santa Ceia – tem na sua base, rituais e magias do culto agrário*”. A ideia principal que predomina em todos os rituais da Santa Ceia está ligada com a crença na força milagrosa que a natureza adquire depois do inverno. A Santa Ceia era o símbolo de riqueza e abundância. Na Ucrânia pagã o sol era divinizado e adorado, com o cristianismo, essa adoração passou a ser a Cristo. Todas crenças, rituais e simbolismos pagãos, com o passar dos séculos fundiram-se com os rituais cristãos que passaram a significar o nascimento de Jesus.

Um preparado de grãos de trigo escolhidos, socados num pilão, são cozidos, depois adocicados com mel e adicionados de sementes de papoula e passas. Essa iguaria se serve já no início.

Uma sopa especial feita de repolho, beterraba e outros ingredientes.

Pastéis de requeijão (ricota) que se come com nata, prato predileto dos ucranianos.

⁵ Um preparado de grãos de trigo escolhidos, socados num pilão, são cozidos, depois adocicados com mel e adicionados de sementes de papoula e passas. Essa iguaria se serve já no início.

⁶ Uma sopa especial feita de repolho, beterraba e outros ingredientes.

⁷ Pastéis de requeijão (ricota) que se come com nata, prato predileto dos ucranianos.

Observa-se que as entrevistadas na faixa etária de 45 a 55 anos, quando se referem à tradição, falam como se estas não tivessem sofrido qualquer alteração ao longo dos tempos e continuam a pensar e agir como antigamente no período da vinda dos imigrantes, elas se fecham tentando, assim, manter-se fora da turbulência que os novos tempos trazem, a tradição é o refúgio que lhes proporciona a sensação de segurança. Entretanto, ao observar entrevistadas mais jovens na faixa etária de 15 a 24 anos e de 25 a 35, assim como as de faixa etária de 65 a 100 anos, estas são mais críticas, eu diria mais realistas, concordam que ainda se tem muito das tradições, mas houve muita mudança, pois nada é como o tempo em que os primeiros imigrantes chegaram. A tecnologia e o desenvolvimento chegaram mudando o comportamento dos imigrantes, uma vez que estes precisaram mudar alguns comportamentos até para sobreviver em um país distante do seu, conforme nos relata Maria Rosa:

O mundo hoje apresenta muitas alternativas, a economia e a tecnologia estão presentes no cotidiano de todos e isso impacta diretamente nos descendentes de ucranianos, estão vendo novas possibilidades, novas oportunidades aparece, o consumismo está presente e assim a cultura começa a se fragmentar, não é mais forte como antigamente, está faltando à união que existia nos primeiros imigrantes. Mas eu acredito que as tradições ucranianas não vão morrer, mas que muitas coisas mudaram e vão mudar isso sim. Ou seja, a dança, a comida, o bordado entre outras tradições ainda estão muito presentes. Mas, o idioma ele está se perdendo, nossa! “Em um estalar de dedos” são poucos que a gente encontra hoje falando e vai se fazer o quê? Nas colônias todos os descendentes falam, talvez porque o lugar é pequeno e não traz tantas possibilidades como a cidade.

É nesse sentido que recorremos a Geertz (1989) para analisar os significados simbólicos da tradição ucraniana, pois, segundo o autor, “*a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas*” (Geertz, 1989, p. 14). Nesta análise é fundamental buscar saber o como das coisas.

O autor sugere um conceito de cultura inspirado na ideia weberiana “*que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*” (idem, ibidem, p. 4). Ele desenvolveu a noção de cultura “*como sendo essas teias e a sua*

análise; (...) como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (idem, ibidem, p. 4).

Procurando entender o homem como um ser de cultura, o autor o define como “*um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo tece como ser social e histórico*”. Nesse ponto de vista, essas teias definem a cultura, ou seja, deve-se cuidar para a etnografia não pautar por uma ciência experimental que está buscando leis, mas, sobretudo, nortear a análise por uma ciência interpretativa que busca significados e explicações. É dessa forma que é assumida, nessa pesquisa, a postura de interpretação das vivências das mulheres ucranianas de Prudentópolis ao reproduzirem suas histórias de vida constituíram fontes, nas suas narrativas individuais e mostram que o discurso político contribui para a construção do imaginário do prudentopolisense na cidade.

Assim, segundo as mais velhas, antigamente, antes de iniciar a ceia de Natal, o chefe da casa levava o feno reservado para os animais do curral que também estiveram no nascimento do Menino Jesus. Em seguida, apanhava o grosso feixe de palha de trigo e colocava num dos cantos da sala e no chão onde crianças e outras pessoas poderiam deitar-se e brincar. Após colocar o feno na mesa da refeição e cobri-lo com uma toalha, vestia um capote de pelo de ovelha e juntamente com os seus aguardava o aparecimento da estrela vespertina, este era o sinal para que todas as famílias iniciassem a ceia. Com uma vela acesa no meio das iguarias já alinhadas pela esposa, todos se reuniam ao redor da mesa, rezavam em voz alta de joelhos pedindo bênçãos e graças ao Menino Jesus, além de pedir que se encontrassem novamente no próximo ano para comemorar o nascimento de Jesus. A ceia prolongava-se até que o sino da igreja convidava a todos para as vésperas natalinas que teria início antes da meia noite. Todos participavam da missa solene cantada por todos os presentes.⁸

Essa cerimônia terminava já na madrugada e, segundo Haneiko (1975, p. 5), “*(...) os presentes geralmente superlotam as dependências da igreja*”.

Nos dias atuais já não se usa mais o feno no dia de Natal, mas, tratando-se de uma festa tipicamente familiar, todos ficam em casa entretendo-se, porém, não só com as canções natalinas, hoje faz parte desse contexto músicas tradicionais gaúchas, sertanejas, rock, sambas entre outras, as crianças estão em frente à TV, jogando vídeo game ou na internet enquanto aguardam a hora do almoço que também é rico em

⁸ Quando da imigração e até meados do século XX, homens perfilavam o lado direito da igreja enquanto as mulheres ficavam nos bancos do lado esquerdo, hoje, percebe-se que os casais ficam juntos podendo escolher qualquer lado para se sentar.

iguarias. Após o almoço, ainda hoje, aparecem os primeiros cantores que vêm entoar as “kôlhadas” e desejar um Feliz Natal aos membros da família visitada, assim nos relata Zita:

Lá em esperança, por exemplo, nos últimos três anos que estive lá eu e um grupo de crianças e jovens visitamos no Natal várias famílias mostrando o significado do Natal (...). Teve um Natal, era uma chuva torrencial, vinte crianças, treze jovens com guarda-chuva, tiraram os sapatos eu não podia tirar os sapatos (risos). Então eles me carregavam, me pegavam pelas mãos e diziam irmã nós vamos segurar a senhora e nós vamos. E de casa em casa as pessoas diziam: mas irmã porque vocês estão fazendo isso? Porque eles não querem parar, eles querem cantar. (...) Foi uma aventura, é uma alegria imensa, porque o que nós levamos é alegria para essas famílias. Pois Jesus nasceu, nos trouxe a vida, nos trouxe a salvação, então eu senti nesse último Natal o que é um sacrifício, o que temos que fazer para a salvação do mundo. Jesus veio e já fez a parte dele.

Estes grupos geralmente recebem em troca algum refrigerante e um dinheiro que se destina às obras sociais. Na época da imigração também existia o costume de transportar um presépio vivo, chamado “*Vertép*” que era carregado por dois anjos e acompanhado dos três reis magos, de um judeu, de um diabinho que fazia muita trapaça, de outras pessoas usando máscara de animais como seres que também assistiram ao Nascimento do Menino.

Receber o “*Vertep*” era a maior alegria para a criançada, pois o diabinho costumava fazer muitas brincadeiras e trapaças. O grupo de teatrinho canta canções e também faz votos de boas festas a todos os membros da família.

Segundo a tradição, os ucranianos costumam celebrar o Natal durante três dias, sendo que o 2º dia é consagrado a São José e o 3º dia, a São Estevão, o protomártir da fé, tal costume ainda hoje é seguida pelos descendentes mais conservadores.

O ambiente festivo e alegre do Natal perdurava até o Ano Novo quando os jovens, desde bem cedo, têm o costume de visitar casa por casa para levar os votos de Ano Bom. Segundo Haneiko, na Ucrânia, na época da imigração na vigília de Ano Bom, os jovens costumavam andar cantando de casa em casa. Um deles ficava

fantasiado de “Melanka” (era o dia de Santa Melânia), outros de “cabra”, de “cigano”, de “urso”, de “grou”.

O grupo andava pela aldeia com brincadeiras, exclamações e risos. A “cigana” lia a sorte o “cigano” trocava os cavalos, o “urso” dançava, a “cabra” tocava violino, o “grou” – rapaz mais alto da aldeia – tocava o bumbo. O costume de fantasiar-se e de usar máscaras.

A “Melanka” das moças era mais séria. A mais bela entre elas era a própria “Melanka”; uma outra trajando roupas masculinas, era Basílio (a festa de São Basílio coincide com o Ano Bom). Os cânticos eram, em geral, líricos.

Estes possuem uma origem muito remota. O nome “*Kolodá*” poderia ser uma corruptela do Grego “*Kalandai*” que significa o Ano Novo como “*calendae januarinae*” em latim. Conforme nos relata Navroski (1997), existe também uma hipótese de ter existido uma divindade eslava com este nome, ou talvez, uma festa de solstício e dos mortos, na antiga Ucrânia. Para Navroski (1997), os cânticos que se formaram entre o IV até o IX século tematicamente possuem elementos arcaicos, recuando até o período matriarcal, em que a mulher é comparada com o sol brilhante e seu esposo com a lua prateada (a lua, em ucraniano, é de gênero masculino). Mais tarde, em “*Kolady*” e “*chtchedriwky*”, nota-se nitidamente a estrutura patriarcal da sociedade: primeiro é louvado o dono da casa, depois sua esposa, em seguida seus filhos.

Visível, nestes cânticos, é ainda a fé na magia da palavra. As “*kolady*” tiveram no princípio a meta prática de evocar a natureza para auxílio do homem. O típico refrão “*Podái Boje*” (presenteia-nos, Deus), pode ter sido uma evocação do *Daj-bogh*, o deus da fartura entre os eslavos: “*Podái Boje*”! Nos cânticos de Natal e Epifania, a natureza é retratada numa unidade orgânica com o ser humano, mostrando-se vital, generosa e ensolarada.

Atualmente, algumas comunidades de ucranianos reproduzem tal evento sob a forma de representação teatral, porém, em sua maioria, o que prevalece são os cânticos de *kolady* e *epifania* cantados nas igrejas e residências no período das festas de Natal, Ano Novo e Páscoa como já apontado anteriormente.

Os grãos de trigo e o pão estão sempre presentes. Entre os costumes natalinos no início da imigração, havia ainda um de rondar a casa com uma cabra, cujas orelhas eram enfeitadas com espigas de trigo; uma outra de dançar em torno das colmeias e ainda de derramar no Ano Bom as sementes de cereais, desejando felicidade aos donos da casa, – tudo isso são exemplos de magia agrária. Cantava-se o Ano Bom: “Derrama-te, cresça,

centeio e trigo, centeio e trigo e cereal diverso, alho como boi, cebola como punho”. Mais tarde até a força mágica da palavra é transformada em votos de prosperidade. Eles levam sementes de trigo que jogam no chão da casa visitada enquanto recitam os versos de felicitações e votos de um próspero ano. As sementes significam que seus votos são semelhantes às sementes férteis que frutificarão em benefício de quem os recebe. Como pagamento pela agradável visita, os jovens recebem uma pequena recompensa em dinheiro. Tal prática de semear ainda hoje é realizada pelos descendentes de ucranianos principalmente pelas crianças.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira. Significado do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1998.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. (1895-1995)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- _____. *O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antonio Olinto, PR. Abril/2007*. Disponível em <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol11n1/art03_andreazza.pdf>. Acesso em: 04 Out. 2009
- ASZEWCIW, I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. Curitiba: Vicentina, 1988.
- AUAD, Sylvia Maria von Atzingen Venturoli (org.). *Mulher cinco séculos de desenvolvimento na América Capítulo Brasil. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 1999*.
- BANDINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1998.
- BAUER, Carlos. *Breve histórico da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã Editora, 2001.

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. Fatos e mitos*. Trad. Sergio de Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas v. 1).
- BERNARDO, Teresinha. *Negras mulheres e mães: Lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo/Rio de Janeiro: Educ/Pallas, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Cultura como tradição*. In: BECKER, David P. *Cultura brasileira tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BORUSZENKO, Oksana. *Os ucranianos*. 2. ed. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, v. 22, nº 108, out., 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BURKO, Valdomiro. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: Cobrag, 1963.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom – o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANEJO, Monica. *Prudentópolis: a Ucrânia que adotou o Brasil*. Caminhos da terra setembro/2006. Disponível em: http://www2.uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/148_prudentopolis.shtml. Acesso em: 04 Out de 2007

- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 1999.
- DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Paulo Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O Mito e realidade*. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Marieta Moraes y Amado, J.P. Baptista. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- FOCAULT, Michel. *A constituição do sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca. São Paulo: Educ, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Antony. *Consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GODELIER, Maurice. *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- GODÓI, Emilia P. de. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GOUVEIA, Eliane Hojaij. *O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo*. Tese apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano*. In: JANKSÓ, I e KANTOR, Í. (orgs). *Festa: cultura & sociedade na América Portuguesa*, Vol. II. São Paulo: Edusp, 2001.

- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997.
- HANEIKO, Valdomiro. *Em defesa de uma cultura*. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- _____. *Uma centelha de luz*. Curitiba: Kindra, 1975.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HOBSBAWM, E., RANGER T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KOTVISKI, Vilson José. *Pêssanka – da Ucrânia pra o Brasil: contexto histórico e manual ilustrado da arte*. Paraná: Kaygangue, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 5 ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.
- MATOS, Izilda S., SOLER, Maria Angélica (orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 1974.
- _____. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MURARO, Rose Marie e PUPPIN, Andréa Brandão (orgs.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.
- NAVROSKI, Raquel. *O mito sol nas cantigas de natal e de primavera*. Monografia apresentada à Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati, 1997.
- NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, 10. São Paulo: Educ, 1993.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, 3. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1989.
- _____. *Memória e Identidade*. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10. Rio de Janeiro: 1992.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de BARTH, Fredrik*. São Paulo: Unesp, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: CERU, 1983.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SANTOS, Ivan Domingos Carvalho. *Memória Alimentar de Afro-descendentes, Descendentes de Poloneses e Italianos na Cidade de Curitiba*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2006.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.
- SIMONSEM, Roberto C. *História econômica do Brasil, 1500/1820*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e realidade: gênero e educação*. Porto Alegre, 1976.
- SONTAG, Susan. *Ao mesmo tempo Susan Sontag*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- STEVART, John F. *Torturada mas inconquistável Ucrânia*. Curitiba: AJUB, 1983.
- SZEWCWU. I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. 1.ed. Curitiba: Vicentina, 1988.
- TENCHENA, Sandra Mara. *Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião*. Revista Nures, n. 14 – Janeiro/Abril 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures>
Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TSVIETKOV, Viaczesláv. *Pequena história da Ucrânia-Rush*. Curitiba: Eparquia Ucraino-Católica de São João Batista, 1994.

ZAROSKI, Nelson Gilmar. *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis: 1940-1960*. Monografia apresentada ao Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2001.

ZYGMUNT, Bauman. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.

WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico da comunidade ucraina de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

SITES

COLÉGIO UCRAIANO. www.colegiomariaimaculada.com.br

GRUPO FOLCLÓRICO POLTAVA. www.poltava.com.br

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População estimada 2007. São Paulo, 14 Nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 03 Out. 2009.

PREFEITURA DE PRUDENTÓPOLIS. www.prudentopolis.com.br